

CAMPONESA COM A CABEÇA DE DEUS AO COLO

Feliciano de Mira



Oficina do Espírito

Palimage
A Imagem e A Palavra

Camponesa com a Cabeça de Deus ao Colo

Coimbra | 2017

20 Palimage

Colecção Palavra Poema

www.palimage.pt/colecao/pp/



TÍTULO

Camponesa com a Cabeça de Deus ao Colo

AUTOR

Feliciano de Mira

© 2017 Terra Ocre e Feliciano de Mira

Direitos reservados por Terra Ocre – unip. lda.

CO-EDIÇÃO

Palimage	Oficina do Espírito
Apartado 10032 – 3031-601 Coimbra	Rua do Espírito Santo, 3
palimage@palimage.pt	7040-056 Arraiolos
www.palimage.pt	oficinadoespirito@hotmail.com

ISBN: 978-989-703-187-8

Dep. Legal: 434316/17

ISBN VERSÃO EBOOK: 978-989-703-207-3



PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE – EDIÇÕES

Feliciano de Mira

Camponesa com a Cabeça de Deus ao Colo



Oficina do Espírito

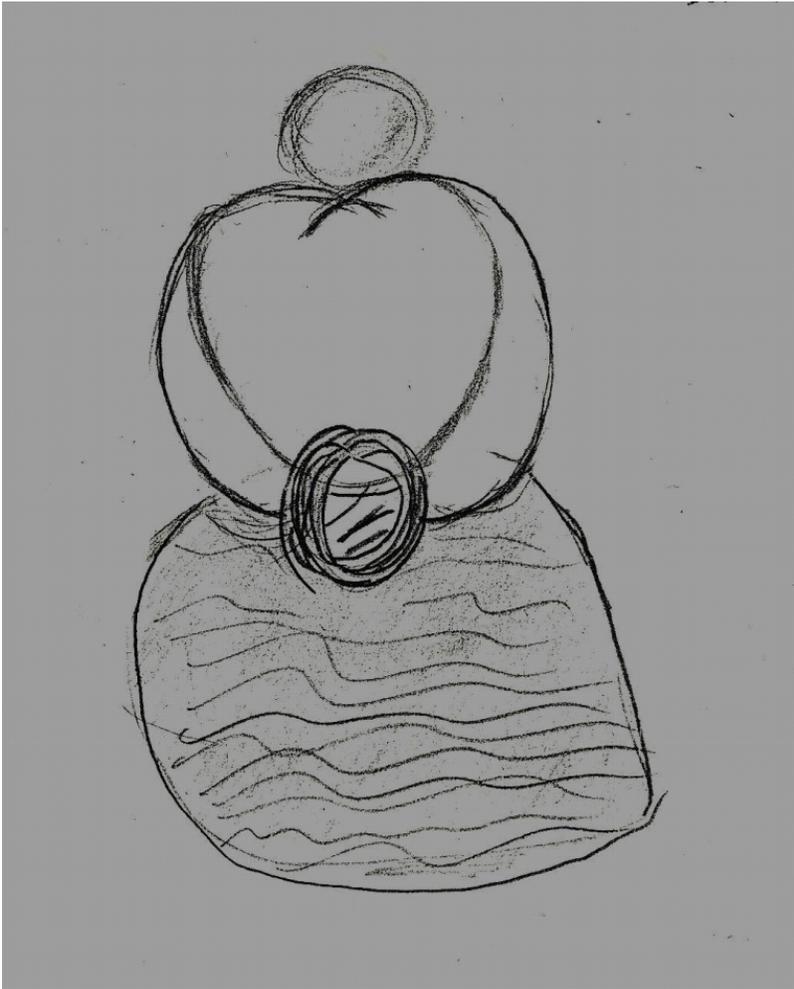
Palimage

A Imagem e A Palavra



Para os meus Pais
Gilberta e Armando

Testemunho: Feliciano de Mira nasce em 1957 e quando regressa de Londres em 1980, lança a ideia de criar um panfleto que veio a dar origem às actividades do Grupo Roda-pé em Évora. Passado um ano segue para os Açores onde escreve o Quatrenu d’Aistetiké que seria publicado em 2000 pelo Instituto Camões. Quando se instala na margem esquerda do Guadiana começa a cantar no Grupo Coral e Etnográfico os Camponeses de Pias. Aplica-se na pesquisa etnográfica da qual saem dois livros – Falar de Pias; Crianças do Enxoé – e dedica-se a causas nobres. A seguir trabalha em Lisboa, Belo Horizonte, Hamburgo, Maputo, Porto Alegre, San Salvador de Centro América e participa em escritas de avião não publicáveis. Faz um mestrado no ISEG, envolve-se nas actividades da Pendor que ajuda a fundar, vai até ao Recife apresentar poesia visual, participa em várias exposições. Lança a Oficina do Espírito. A sagrada Fundação Ciência e Tecnologia concede-lhe uma bolsa para doutoramento que lhe permitiu circular por Paris e colaborar com o grupo da revista Latitudes. Escreve uma tese de doutoramento de 735 páginas em francês que teve a classificação de “trés honoré avec felicitations par unanimité” na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Lança o panfleto “Rue Amelot” e regressa a Portugal com várias caixas de escritos dos quais apenas apresentou o livro “Benediction”. Em Coimbra pesquisa no CES sobre a intertextualidade estético-política e colabora com a “Oficina de Poesia”. A partir de excertos do livro “A Nuvem do Infante Ancorado” elabora peças de sonografia visual. Volta a instalar-se em Maputo, lecciona na universidade e faz muitas coisas vulgares que lhe deram imenso prazer. O sentido indicial diz-lhe que está de passagem por Portugal enfrentando situações inevitáveis a caminho da Bahia, com os olhos na Índia. Já interveio em conferências e seminários, tem publicado livros e artigos. É apreciador do bom vinho alentejano e entende que a rebelião é parte integrante da divina democracia.



Sínte-se

No cais o silêncio faz-se ouvir
Realidade deste tempo de glória e guerra
Entre lírios brancos e rosas vermelhas
Cadáveres meninos florindo sal
Dançam de mãos dadas à roda
Ao som do canto duma virgem camponesa
Tirando água ao poço dos seus desejos

Évora, 1975

Nas paredes do Alentejo li os sonhos das inscrições que li
o interior dos tempos

à azinheira segredei do fado e da lua que do
monte

ardia

o grito dentro do rectângulo

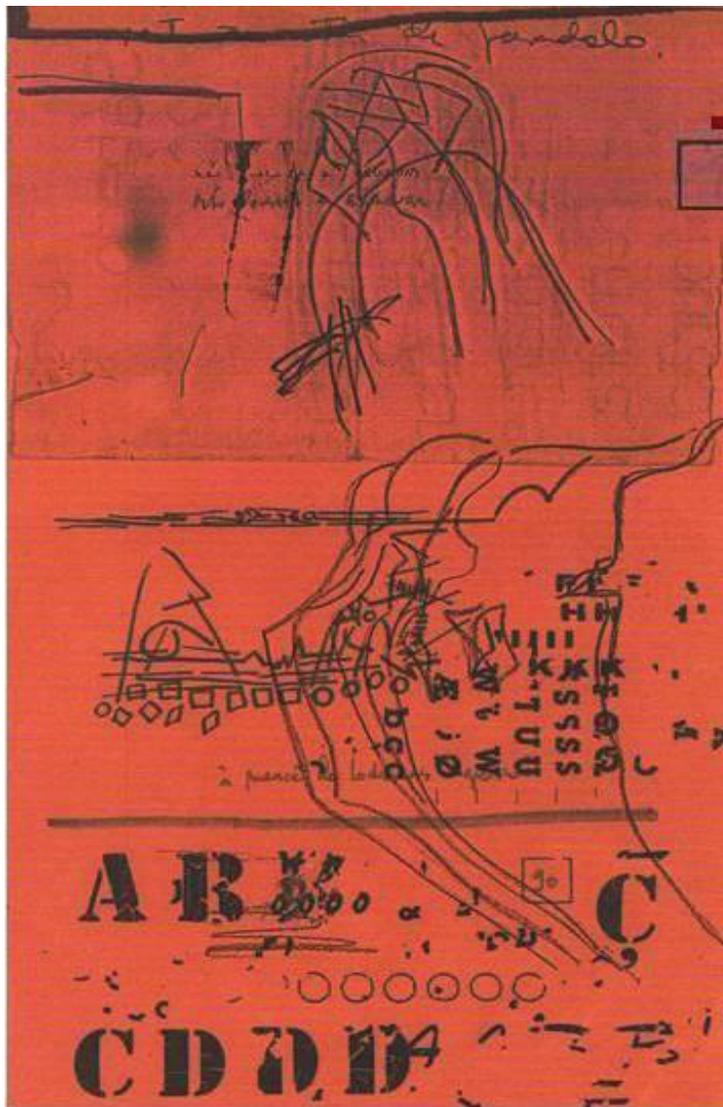
o relâmpago
descrevia no delírio da tinta
a força
que a mão
da cor
a dor

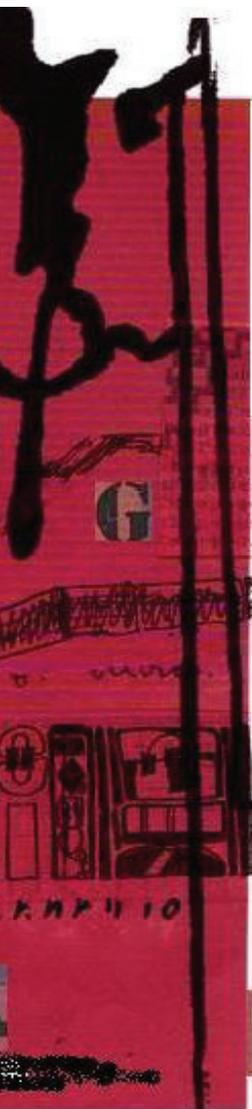
reflectia

a veia do labirinto

Évora, 2000

rabiscos grafiavam
rotas de ansiedade





0010004100000
0000000000000000
0000000000000000
0000000000000000
0000000000000000
0000000000000000
0000000000000000
0000000000000000

J
V
R

